



MARY, André. **Os antropólogos e a religião**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. São Paulo: Ideias e Letras, 2014. ISBN 978-85-6589-369-5

Tatiane Aparecida de Almeida *

Este livro é de autoria do antropólogo francês André Mary que é também professor da EHESS, diretor de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) na França, redator-chefe da revista *Archives des Sciences Sociales des Religions* desde o ano de 2005 e é autor de outros livros, por exemplo, *Le Bricolage Africain des Héros Chrétiens* (2000), no qual o autor demonstra seus conhecimentos acadêmicos em relação à religiosidade africana.

Em *Os antropólogos e a religião*, objeto desta resenha, André Mary tem como objetivo apresentar em síntese o resultado de uma longa experiência tanto pessoal como docente de antropologia. Neste ensaio demonstra também seus conhecimentos a partir da apresentação de grandes autores envolvidos na discussão da antropologia, cuja escolha foi realizada de forma pessoal pelo professor. Em virtude disso, o trabalho é centralizado em Claude Lévi-Strauss e na sua obra *O totemismo hoje*, o qual possui como objeto principal de estudo a função simbólica. O intuito da escolha é criar uma referência e coerência entre os capítulos, demonstrando que vários trabalhos tendem a se apresentar em pares, através de diálogos diretos e indiretos. O fio condutor da obra resenhada trata da

Resenha recebida em 09 de setembro de 2016 e aprovada em 27 de outubro de 2016.

* Mestranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: tatyanealmeida-10@hotmail.com.

questão que Evans-Pritchard foi um dos primeiros a levantar: “a relação dos antropólogos com as coisas religiosas na própria construção de seus objetos.” (MARY, 2015, p. 11). Com este interesse, Mary divide sua obra em sete capítulos, cada um dedicado a um antropólogo, assim organizada: I) Robert Hertz, II) Edward E.E. Evans Pritchard, III) Claude Lévi-Strauss, IV) Roger Bastide, V) Clifford Geertz, VI) Marc Augé e VII) Jeanne Favret-Saada. Apresenta-se, em seguida, em suas linhas gerais, cada capítulo.

O primeiro capítulo, intitulado *A mecânica do mal e o mistério do perdão*, é dedicado a Robert Hertz (1882-1915). Mary se preocupa em sinalizar alguns dos motivos que o levou à escolha desse autor na introdução da seleção de autores, uma vez que a obra de Hertz se resume a poucos estudos e, mais que isso, sua obra sobre o pecado e a expiação permaneceu no estado de esboço entre notas e fichas. Contudo, para André Mary, Hertz ilustra muito bem o percurso intelectual que perpassa a abordagem comparativa das sociedades exóticas, ditas também “primitivas”. A partir da reflexão sobre a questão do mal nessas sociedades, pode construir um bom caminho de introdução antropológica ao estudo das categorias da experiência religiosa. Para Mary (2015, p. 32), “no começo de uma antropologia das coisas religiosas, há o enigma da força do mal”, quando a ideia de Deus ou a força do mana só tomam sentido na resposta à questão do mal e dos males. É sabido que Hertz converteu-se à etnologia religiosa através de sua associação à Escola de Sociologia Religiosa de Durkheim. Entretanto, nessa perspectiva para Mary é importante ressaltar – como indica Marcel Mauss em seu *Manual de Etnografia* – que o fato de Hertz converter-se à etnologia em 1904, ainda não o fez partir para campo. Mary salienta que, segundo relatos da esposa de Hertz, essa etnologia “de biblioteca” não impediu ou limitou o estudioso em nada, uma vez que Hertz se encontrava imerso nas sociedades em foco. Esse trabalho de documentação culminou nos dois principais resultados do estudo sobre as ditas sociedades primitivas enquanto Hertz ainda vivia. São eles: A redação de uma primeira memória sobre *A representação coletiva da morte* em 1907 e a *Preeminência da mão direita* em 1909. Mary enfatiza que esse percurso

documental de Hertz muito se assemelha ao caminho percorrido por Lévi-Strauss, quando este se propôs a estudar as sociedades da Amazônia, onde desenvolveu por anos um trabalho paciente de colocação de fichas nos Estados Unidos a partir do interesse em documentos. No entanto, Hertz, em 1912, rompe com o trabalho de biblioteca com seu estudo sobre Saint Besse e inicia sua participação, realizando entrevistas que permitem a comprovação de tudo isso com dados historiográficos. Porém somente em 1921 é divulgado por Marcel Mauss uma introdução de sua tese sobre o pecado e a expiação que se refere ao estado do problema nas sociedades “inferiores”. E assim, Mauss prossegue, também de forma inacabada, um trabalho sobre a Oração onde retoma, em um primeiro momento, materiais e notas de Hertz.

O segundo capítulo, *No começo era a bruxaria*, foca as pesquisas de Edward Evan Evans-Pritchard. O autor faz menção à obra *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*, uma das obras de maior renome de Evans-Pritchard. É importante ressaltar que o antropólogo inglês teve uma participação fundamental no desenvolvimento da antropologia social, através da definição de noções de bom senso que fazem interface entre as noções míticas e as noções científicas sendo as que atribuem somente aos fenômenos o que os homens disso observaram ou a que se pode deduzir de sua observação. Resumidamente, a antropologia de bom senso, também abordada na introdução da obra acima citada, corresponde a uma antropologia reflexiva que tem o intuito de descaracterizar, em matéria de religião, a figura do “primitivo”, por vezes associada à figura do supersticioso e às suas práticas associadas a coisas secretas, misteriosas e bizarras. Essa antropologia, de cunho altamente reflexivo, coloca entre seus objetivos pensar sobre as condições de produção do conhecimento e sobre os constrangimentos que pesam sobre as teorias que circundam a religião. A etnografia de Evans-Pritchard se oferece de forma transparente, como é destacado por André Mary, onde ele reconhece sua dívida em relação aos padres missionários que teriam “educado” os azande para sua chegada, bem como destaca também a importância da gramática e do dicionário azande dos padres Lagae e van den Plas. Também neste capítulo, André

Mary sinaliza os pontos principais na obra de Evans-Pritchard, dedicando-se à distinção entre bruxaria, oráculos e magia na cultura azande e, posteriormente, realiza uma breve discussão a partir da obra *Os Nuer* onde o objetivo de Evans-Pritchard é estabelecer os princípios estruturais da sociedade Nuer que, segundo André Mary, têm forte relação com o trabalho de Lévi-Strauss na obra *O totemismo hoje*, porquanto os dois autores se assemelham pelo foco sobre os processos distintivos a partir de classificações estruturalistas.

O terceiro capítulo, dedicado a Claude Lévi Strauss, fala sobre *A morte do Deus totêmico e o nascimento do simbólico*. O autor apresenta um breve histórico do percurso de trabalho de análise estrutural realizado por Lévi-Strauss. Destaca nesse caminho a introdução à obra de Marcel Mauss (1950), a qual, conforme palavras de André Mary, foi “creditada de uma antecipação profética do interesse pela aproximação entre a etnologia e a psicanálise” (MARY, 2014, p.93). A perspectiva de Lévi-Strauss pode ser tomada também como chave de leitura para a antropologia religiosa dos anos 1950, considerando que nesta mesma época acontecia sua nomeação para a seção de ciências religiosas da École Pratique des Hautes Études, onde era possível tocar de perto assuntos como religião, bruxaria e magia, assuntos esses que se faziam presentes nas ideias de Mauss.

É certo que Lévi-Strauss dedica 20 anos de sua vida aos assuntos mitológicos. Contudo, a categoria do totemismo é uma via marcante na discussão das relações entre a tradição antropológica e o campo religioso. Não obstante, o mana totêmico aparece nas discussões - sem se chegar a um consenso - como o primeiro Deus dos antropólogos. Mary destaca que, mais tarde, na obra *O totemismo hoje* (1960), Lévi-Strauss se dedica a fazer a história da desconstrução do termo então tido como morto, de modo que esse trabalho pode-se aplicar a todos os objetos e conceitos da antropologia, religião, magia, bruxaria, sacrifício, mito e crença do religioso. Também nessa vertente se discute de forma introdutória o conceito de sistema simbólico que é concretizado na obra *Pensamento selvagem*.

No quarto capítulo - Roger Bastide e o sagrado selvagem – os temas do misticismo e do sincretismo são abordados a partir da relação que Mary faz das carreiras de Lévi-Strauss e a de Bastide. Este último chegou a São Paulo em 1938 para ocupar a cátedra de sociologia, em substituição a Lévi-Strauss que embarcava para mais uma expedição. A chave desse encontro está na formação científica de ambos, que, de vindos da filosofia, passaram também pelo caminho da “aventura brasileira”, pela sociologia e antropologia, além do gosto pela política, arte e literatura e, finalmente, se cruzaram quase que na mesma época na École Pratiques des Hautes Études. Mary sinaliza que tantos encontros se devam talvez a um fato inusitado: Lévi-Strauss foi o autor que Bastide mais citou em suas obras enquanto Lévi-Strauss praticamente não leu Bastide, o que não significa um certo desmerecimento, pois Lévi-Strauss chega a reconhecer o gênio sincrético de Bastide. Entre tantos pontos de encontros, há um caminho individual que é marcado pelo realce entusiasmado de Bastide no que tange às ideias de aculturação, sincretismo, cultos de possessão, ou seja, os pontos de interesse quanto ao objeto de estudo. A proposta do capítulo é descrever toda essa relação, mas sobretudo também evidenciar o pensamento próprio que Bastide cria a partir dos diálogos entre diversos autores, nos quais o confronto é amparado num modo de pensar altamente intuitivo, característica do pensamento bastidiano. A vivência antropológica, bem como o trabalho minucioso de Bastide, também são retratados no capítulo.

No quinto capítulo – Clifford Geertz: Descrever e interpretar a experiência religiosa – Mary salienta que o autor em questão tem seu foco de trabalho voltado à antropologia interpretativa. Trata-se de um etnógrafo dedicado às pesquisas de campo na Indonésia e no Marrocos, nas quais o tema religião ocupa um lugar central. Sua reflexão antropológica é também pautada por um pluralismo de vieses que põe em diálogo sociologia, história, linguística, literatura e filosofia. Contudo Mary sinaliza que Geertz “não é um autor de antropologia das religiões, ainda que a religião esteja no centro de suas preocupações na abordagem da cultura balinesa e das sociedades muçulmanas.” (MARY,2015,p.162). Assim, através deste trabalho,

onde faz uso do recurso de descrição interpretativa, Geertz pode ocupar lugar de certa importância nesse campo de estudo. Todavia, em seus escritos, é possível identificar a conotação de manifesto metodológico, principalmente no primeiro capítulo da obra *The Interpretation of cultures*. Para tal descrição, Geertz traduz claramente a preocupação de associar estreitamente a interpretação da religião com a descrição da experiência religiosa. O objetivo desse estudo consiste em não definir a religião, mas encontrá-la. De qualquer modo, a definição da religião constitui também ela uma ferramenta para os estudos comparados das religiões, como foi feito entre o Islã na Indonésia e no Marrocos. Para Mary, Geertz “é um dos raros antropólogos a exprimir-se sobre o tema da fé religiosa e a interrogar-se sobre as variedades do engajamento religioso.” (MARY,2015,p.187). Para tal feito, Geertz assume uma visão weberiana acerca da religiosidade. Mary sintetiza a relação da problemática da eficácia simbólica desenvolvida por Claude Lévi-Strauss na descrição da cura xamânica dos índios cuna e dos exemplos etnográficos de Geertz que se nutre dos cantos de cura dos índios navajo. Por fim, faz uma breve conclusão acerca da secularização, elemento percebido por Geertz como um processo da vida comum que toma múltiplas formas contraditórias, resultando também em uma reconfiguração das formas do crer.

No sexto capítulo – Marc Augé: plasticidade pagã e ritual profético – este é apresentado por Mary como um antropólogo, pesquisador de campo e escritor. Seu campo de trabalho é africanista, abrangendo a Costa do Marfim, Togo e Benin. Aos olhos de Mary, sua escrita é um tanto quanto literária, cheia de ironia e sobretudo de plasticidade de um pensamento independente. Seu interesse está voltado para o ritual e para o religioso; e posteriormente para as lógicas simbólicas que estão associadas às lógicas sociais, da questão de poderes e da política. Sua obra se constrói entre antropólogos contemporâneos, como Marcel Granet, Jacques Le Goff, Jean Claude Schmitt e com os grandes autores Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss. Contudo Marc Augé nunca escreveu especificamente sobre religião. O paganismo é também pensado como suporte antropológico por Augé e é tido como o ideológico das sociedades de linhagem, ou seja, está no centro da exigência da

compreensão estrutural das situações e constitui a matriz simbólica e ritual de toda vida social. Sob esses pressupostos, cada um de seus escritos está envolto no tema do paganismo e muito remete à bruxaria. Para Augé, o paganismo (interpretado sob viés teológico) está presente de uma forma que pode ser caracterizada como “inversão”, não se situando propriamente no âmbito de religião. A ideia de inversão compreende que o paganismo é completamente o contrário do cristianismo e aí está sua força. Nesta perspectiva, Augé aproxima-se do pensamento de Lévi-Strauss e da teoria da função simbólica. Mary sintetiza as contribuições do pensamento de Lévi-Strauss a Marc Augé, ressaltando a antropologia estrutural, as noções de sistema simbólico e a redefinição da cultura como elementos profundamente marcantes e evocados em sua obra. Mary tece, em seguida, algumas considerações acerca dos rituais proféticos presentes na obra de Marc Augé, demonstrando seu interesse pelos variados modos com que se apresenta o profetismo, assim como pela plasticidade da lógica pagã, suas formas e simbolismos. Por fim, André Mary disponibiliza uma entrevista por ele realizada em março de 1989 tendo como entrevistado Marc Augé, que tem por tema principal o rito, sua problematização e seus paradoxos.

No sétimo e último capítulo – Jeanne Favret-Saada: Os mecanismos do engrenador de violência – o tema da violência é destacado a partir dos escritos etnográficos dessa autora, particularmente do trabalho de campo sobre as formas de controle da violência nas sociedades segmentárias da África do Norte. O autor faz uma breve apresentação de Favret-Saada, que era etnógrafa num laboratório do CNRS quando se tornou conhecida nos anos de 1970 através de uma pesquisa sobre bruxaria no Bocage de Mayenne. Dando continuidade a esse trabalho, Favret-Saada trará à discussão aspectos importantes acerca da bruxaria na contemporaneidade, tornando o resultado de seu trabalho, nos finais dos anos 90, um best-seller da etnologia religiosa e da antropologia contemporânea. Jeanne Fravet-Saada ocupou a cátedra de etnologia religiosa das sociedades europeias da École Pratique des Hautes Études, onde seguiu a tradição de Hertz, Hubert e Mauss sobre a religião popular. No entanto, seu estudo sobre os bocainos muito se

relaciona ao trabalho com os azande de Evans-Pritchard com quem a etnógrafa estabelece forte diálogo. Um de seus aportes de pesquisa se encontra na interrogação sobre o estatuto das crenças e do crer no seio de uma antropologia que pensa o paganismo cristão, como destacado por Augé e o papel da eficácia dos desenfeitadores e na força dos bruxos.

André Mary finaliza sua obra com algumas conclusões acerca da compreensão do outro e de sua experiência religiosa. Mary esclarece que os autores escolhidos nessa seleção foram os que mais o fizeram pensar nas questões da antropologia religiosa até o momento, de forma que são, em suma, os autores mais recomendados aos seus estudantes. Destaca também a importância de se ler os que ele chama de autores fundamentais, ficando a cargo de Mauss e Durkheim esse título. A partir de sua síntese, conclui estar convicto das relações de afinidade de pensamento entre os autores, de modo que pretendeu criar uma caixa de diálogo entre os mesmos.

Certamente, os autores abordados neste livro e suas obras completas exigem leitura atenta e mais detalhada. Contudo o livro de André Mary servirá como introdução à leitura daqueles teóricos, propiciando ao leitor acessar as ideias fundamentais de cada um. O livro não se apresenta propriamente como uma introdução à antropologia das religiões. Oferece, no entanto, a seus leitores excelente material para consulta, tanto no sentido de um panorama da antropologia quanto no que toca à especificidades dos autores. É uma obra de grande alcance, destinada tanto ao público que se interessa pelas temáticas aí tratadas, quanto a estudiosos das áreas relacionadas a religião, ciências da religião e antropologia.